A Vale, os newcucarachos e a falta de brio

ALOYSIO BIONDI

Fechado o diagnóstico, o médico proclama a necessidade de amputar a mão do paciente. Combina-se a cirurgia. Mas o médico resolve "ganhar dinheiro" e realiza cirurgias sucessivas, extirpando um dedo de cada vez e, finalmente, o coto da mão —cobrando uma pequena fortuna a cada uma dessas intervenções.

Qual o adjetivo que esse comportamento mereceria? Qual a atitude das entidades médicas incumbidas de zelar pela ética profissional? Esse médico mereceria tratar de outros clientes?

O exemplo é mórbido. Mas exemplos chocantes podem ajudar a opinião pública a avaliar as manobras e a falta de pudor que vêm marcando a projetada privatização da Vale do Rio Doce. Qual é o paralelo?

Desprezando mais uma vez as empresas nacionais de auditoria e consultoria, a equipe FHC contratou multinacionais para "avaliar" o preço da Vale do Rio Doce e propor "modelos" de privatização para ela.

Proposta de "consultora internacional" prevê que a Vale deve ser "esquartejada", isto é, dividida em várias empresas: uma para a área de mineração, outra para cuidar de exportação, outra para o sistema de

transportes ferroviários etc.

O que levou a multinacional a propor tal coisa? Critérios científicos, que fariam a Vale (se privatizada) obter o melhor preço ou funcionar melhor? Não. Conforme informações surgidas na imprensa, a "consultoria" agia como no (mórbido) exemplo médico: o objetivo foi aumentar seus ganhos.

Como assim? Ela deve ganhar um "x" sobre o projeto de venda de cada empresa resultante do "esquartejamento", como na extirpação de dedo por dedo. Daí...

Isso é comportamento profissional? Ético? Essa "consultora" merece algum respeito? Ou, como no caso do médico, deveria ter seu nome inscrito nas páginas policiais?

Neste país de newcucarachos, de cabeça colonizada, a notícia não provocou nenhuma reação. Nem mesmo de empresas nacionais de consultoria e auditoria, que estão sendo destruídas pela política de "preferência" às multinacionais, a pretexto de que elas são "eficientes" —como tudo que vem do exterior para a visão caolha dos newcucarachos.

Ainda e sempre

A mesma repulsiva idolatria pela metrópole levou o governo FHC a anunciar que vai trazer

um "consultor" norte-americano para avaliar as novas jazidas de ouro da Vale. Uma iniciativa que é outro atestado de incompetência e subdesenvolvimento conferido aos técnicos brasileiros de qualquer profissão pela equipe FHC.

O Brasil precisa dessa "assessoria"? Ora, a Vale do Rio Doce mantém há décadas uma subsidiária, a Docegeo, que estudou todo o subsolo brasileiro. Fez descobertas de minérios em todo o território nacional. Em nome do que, então, se importa um "técnico internacional?"

Tem mais: multinacionais e seus técnicos têm métodos de pesquisas adequados aos países em que atuaram, mas inadequados ao Brasil —e por isso podem cometer erros monumentais, prejudiciais ao país.

Um exemplo? Há décadas sabia-se da existência de fosfato em Patos de Minas. Mas as jazidas eram consideradas inaproveitáveis, porque tinham baixo teor de minério (isto é, gastavam-se fortunas para remover toneladas de terra e obter poucos quilos de fosfato, que, por isso mesmo, ficava com um preço exageradamente alto). O Brasil tinha as jazidas, mas continuava a importar, gastar dólares, em fosfato.

Em meados da década de 70, o governo brasileiro confiou à

Vale o desenvolvimento de métodos para aproveitar o fosfato de Minas. Ela conseguiu.

Qual o segredo? As múltiplas que tinham tentado explorar a jazida antes usavam métodos aplicados em outros países —inadequados (por diferença de solo etc.) ao fosfato de Minas.

Os deformadores de opinião dizem hoje que é preciso privatizar a Vale, entre outros motivos, para "absorver" tecnologia, inclusive estrangeira. Amnésia? Ignorância? Ou má-fé e falta de brio?

O "caso" do fosfato de Patos destrói outros argumentos mentirosos que têm sido usados para justificar a venda da Vale.

Primeiro: a empresa, com suas pesquisas, sempre teve, sim, um papel estratégico na definição da política mineral brasileira.

Segundo: o país precisa, sim, de uma empresa cujos interesses coincidam com os interesses do país, busque soluções das quais o país precisa —caso em que as multinacionais não se enquadram.

Terceiro: a independência tecnológica é uma necessidade eterna. Por mais que o "mundo mude".

Aloysio Biondi, 60, é jornalista econômico. Foi editor de Economia da Folha e diretor de Redação da revista "Visão". Escreve às quintas-feiras no caderno Dinheiro.

6/2/97
FSP
2-3